

CAPÍTULO 4

Era uma vez um *Correio Infantil*: o protagonismo do leitor na página das crianças do *Correio do Povo* (Porto Alegre, RS, 1958-1984) ¹

CIDA GOLIN

Introdução

Entre 10 de agosto de 1958 e 10 de junho de 1984, uma página do jornal *Correio do Povo*, jornal da Companhia Caldas Júnior, empresa hegemônica no sul do Brasil e um dos principais jornais brasileiros no século XX,² dialogou com pelo menos duas gerações de leitores, cons-

1. Este artigo é uma ampliação e um desdobramento do paper *Era uma vez um Correio Infantil: percurso panorâmico pela página das crianças do Correio do Povo* (Porto Alegre, RS, 1958 – 1984) de Cida Golin, Luciano Alfonso e Amanda Gomes apresentado no GP História do Jornalismo do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Intercom 2016, que ocorreu na Universidade de São Paulo.

2. O jornal *Correio do Povo* foi fundado por Francisco Caldas Júnior em 1º de outubro de 1895. Desde o início, optou pela ênfase na informação em detrimento do vínculo partidário e opinativo, tendência hegemônica até então. Junto com outras publicações, contribuiu para consolidar um regime jornalístico no Rio Grande do Sul. Em 1910, montou a primeira impressora rotativa no Estado, reformou as oficinas, aumentou a produtividade e equiparou a publicação aos padrões gráficos mais modernos do país. A partir de 1920, conquistou a liderança do mercado e se tornou o principal jornal do Rio Grande do Sul. No final dos anos

truindo entre eles e o diário impresso um forte vínculo de acolhimento, afeto e estímulo à leitura. Neste período, semanalmente, mais de uma centena de cartas chegava à página *Correio Infantil*, e crianças eram vistas na redação buscando seus prêmios em forma de livros. Não raro, os jovens eram convidados a passar algumas horas visitando as oficinas, tentando apreender a rotina de um jornal e daquela página que os transformaria em protagonistas. Por trás da sua edição, trabalhou durante 26 anos Maria de Lourdes Sá Britto (1925–2008), professora, especialista em crianças com necessidades especiais, uma das primeiras jornalistas no Rio Grande do Sul a se vincular a uma redação majoritariamente masculina.

Inserida em uma influente tradição de publicações impressas dirigidas às crianças desde o século XIX, e que teve ascensão nos diários brasileiros a partir dos anos 1930, a página *Correio Infantil* fazia de si personagem, convidava crianças e jovens a se tornarem protagonistas das histórias, autores de textos, e se articulava em torno de elementos bastante valorizados: a promoção do gosto pela leitura, do livro e da escrita de cartas, não apenas dos leitores residentes na Capital, mas de um expressivo contingente de filhos de assinantes do interior do Estado – comprovando a força regional do jornal –, além de assinantes de Santa Catarina e do Paraná.

O recurso narrativo de construir um vínculo de afeto e proximidade, interpelando diretamente o leitor com a marca da oralidade, foi gestado pela página do *Correio* desde o início. Como evoca a própria metáfora do título do jornal espelhada na seção infantil, a mediação dos Correios e particularmente da carta – entendida como estrutura comunicativa com sua lógica de saudação, interlocução e que prevê o tempo da escrita e da espera nas entrelinhas (IONTA, 2004) –, estabelece uma espécie de pacto epistolar entre a equipe editorial e seu público.

Este artigo apresenta um panorama das principais características do *Correio Infantil* do *Correio do Povo* ao longo de quase três décadas de

1960, a empresa Caldas Júnior era a sétima maior do ramo jornalístico no País; em 1979, o *Correio do Povo* ainda se mantinha em nono lugar no ranking dos principais jornais nacionais, já em plena crise financeira e estrutural que o levaria ao fechamento em junho de 1984 (RUDIGER, 2003; FONSECA, 2008). Em 1986, o prestígio e o capital do nome *Correio do Povo* foi adquirido por nova empresa que o faz voltar ao mercado em formato tabloide, com outra proposta informativa e estratégia de distribuição. Atualmente o jornal pertence à Rede Record.

circulação semanal, enfatizando, dentre os gestos editoriais de sua equipe, a promoção do livro, da leitura e dos leitores como protagonistas, as temáticas mais recorrentes e a carta como estrutura comunicativa da página. O trabalho integra um projeto maior, desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa em História da Comunicação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, intitulado *Histórias de vida na Comunicação – Trajetórias profissionais no Rio Grande do Sul*.³

O mapeamento⁴ é resultante da leitura e organização dos documentos recebidos da família de Maria de Lourdes Sá Britto⁵ – catalogação de recortes de jornal e excertos do *Correio Infantil*, cartas de leitores da página e de alunos de Maria de Lourdes, documentos pessoais, entre outros materiais diversos –; da realização de cinco entrevistas, seguindo preceitos da História Oral temática (ALBERTI, 2013), com familiares da jornalista e colegas de redação⁶; e, por fim, da análise flutuante de uma amostra composta das décadas de 1950, 1960, 1970 e 1980, obtida a partir de pesquisas no arquivo do jornal *Correio do Povo*, em Porto Alegre, a fim de detectar as principais alternâncias temáticas da página e suas especifi-

3. Outro desdobramento desta pesquisa resultou no capítulo “Uma professora no jornal: a trajetória de Maria de Lourdes Sá Britto no *Correio Infantil*” de Cida Golin e Luciano Alfonso (2018).

4. Este primeiro mapeamento foi produzido na disciplina Laboratório de Pesquisa do Curso de Comunicação da FABICO-UFRGS, nos anos de 2015 e 2016, e desenvolvido dentro das atividades do Laboratório de Edição, Cultura e Design (LEAD). Nos dois semestres, a disciplina foi coordenada pelos professores Cida Golin e Luciano Alfonso. Os alunos que participaram em 2016 foram: Amanda Gomes da Silva, Brenda Cruz, Douglas Freitas, Gabriel Brum, Mayuri Winckiewicz e Yamini Benites. Em 2015: Ana Carolina Giollo, Bruna Andrade, Julia Corrêa da Rocha, Laura Becker da Luz e Pedro Veloso.

5. Este material foi cedido para a pesquisa pela jornalista e professora da Universidade de São Paulo, Claudia Lago. Encontra-se, no momento, sob a guarda do Laboratório de Edição, Cultura e Design (LEAD – CNPq).

6. Em 2016, os alunos pesquisaram nomes possíveis para realizar entrevistas procurando esboçar um perfil de Maria de Lourdes Sá Britto e, ao mesmo tempo, registrar memórias de leitura da página infantil. Vários contatos foram feitos e, desse esforço, conseguimos entrevistar em 2016 os colegas de redação e contemporâneos de Maria de Lourdes Sá Britto, os jornalistas Antonio Hohlfeldt, Carla Irigarai e Ney Gastal. Para traçar um perfil da editora a partir do depoimento da família, convidamos as sobrinhas Mara Lago e Mônica Sá Britto Gonzales Fonseca.

idades narrativas que serão iluminadas aqui também em um diálogo com estudos sobre leitura e literatura infantil.

Contexto de publicação e a tradição dos impressos para crianças

Em 09 de agosto de 1959, quando o *Correio Infantil* completou seu primeiro aniversário após 52 edições dominicais, já ocupava, no corpo do jornal, o lugar prestigiado de uma contracapa de caderno. Ao deslocar-se no espaço gráfico, não necessariamente na contracapa, demarca o sucesso que angariou desde sua primeira aparição em apenas meia página do *Correio do Povo*. Por meio do recurso da personalização, fazendo do jornal personagem, típica estratégia narrativa utilizada pela página ao longo dos anos, escreve o “Bilhete aos meus pequenos leitores”, que transcrevemos em parte:

[...] A redatora, encarregada de meu conteúdo, procura encontrar histórias interessantes; lendas da nossa terra e de outros povos; aspectos das nossas capitais e de outros países; adivinhações; e o “Quem é que sabe?”, 10 perguntas que são um teste para verificar o aproveitamento escolar de meus amiguinhos.

Ela lê todas as cartas que vocês me escrevem. Procura responder e agradecer as perguntas, as colaborações e as palavras de carinho que vocês me enviam. Depois disso pronto, ela me entrega ao paginador. Este, então, “rompe a cabeça”, para organizar toda a matéria dentro de uma página do *Correio do Povo*.

[...] O mais engraçado é que às vezes os três discutem por minha causa. Assim se hoje estou mais bonito por uma coisa nova que tenho (não vou dizer o que é para ver se vocês são bons observadores; sortearei um livro entre os que a descobrirem) devo ao desenhista, que vinha lutando há muito tempo com o paginador para me tornar mais atraente ainda.

[...] Outra coisa: geralmente eu sou paginado [feito] nos sábados à noite, e assim a redatora e o desenhista, como vocês também, me esperam com ansiedade no domingo, para ver como eu saí. É que nem sempre o paginador utiliza toda a matéria dada, pois às vezes, na hora de paginar, falta ou sobra espaço, e ele tem de tirar ou pôr

alguma coisa, por conta própria. (BRITTO, 1959).⁷

Ao longo de 26 anos, a página infantil foi alternando a materialidade de seu perfil gráfico. Pela amostra, verificamos que o logotipo foi trocado pelo menos seis vezes. Em linhas gerais, de uma construção abarrotada de palavras e de poucas ilustrações nos primeiros anos, passou a ganhar, especialmente na fase final, arejamento maior, amplitude de imagens e legibilidade, seguindo as reformulações gráficas do próprio jornal. Nesta paulatina alteração de estrutura gráfica, a equipe vai projetando e ajustando as competências de leitura (CHARTIER, 2001) do público suposto ao qual se destina, desenhando-o também na sugestão visual da página. Percebe-se, nos últimos anos, o protagonismo cada vez maior dos títulos em destaque, da ilustração e da fotografia como chamarizes, conforme apresentam as Figuras 1 e 2.

7. Recorte do arquivo pessoal de Maria de Lourdes. BRITTO, Maria de Lourdes, **Correio do Povo**, Correio Infantil, Porto Alegre, s/p., 09 de agosto de 1959. A ortografia foi atualizada ao longo dos excertos utilizados do jornal.

O slogan “Histórias, passatempos e diversões educativas”, presente na década de 1960, sintetiza seu perfil inicial marcadamente escolar e lúdico. Cartões-postais, adivinhações, desenhos para colorir e completar, bonecas para recortar e montar, quadrinhos, constituem uma espécie de miscelânea dirigida a uma faixa de público de quatro anos até a adolescência.

Percebe-se um matiz pedagógico na escolha dos temas e no constante exercício cíclico de retomada das efemérides (festas religiosas como Natal, Páscoa, São João, comemorações cívicas, etc.); nos conselhos e orientações sobre modos de comportar-se, ou nas sistemáticas matérias de serviço, pontuando desde a circulação pedestre da criança na cidade (o concurso “Minha amiga sinaleira” e as inúmeras fotos dos guardas de trânsito em frente às escolas) até campanhas de vacinação infantil, passando pelas possibilidades de aproveitar o tempo largo das férias em qualquer espaço físico ou imaginário: em ambos os casos, sem prescindir da companhia de um bom livro.

Boa parte das características gerais da página está alinhada às matrizes típicas das publicações para crianças que circularam no Brasil desde a primeira metade do século XIX. Segundo o estudo pioneiro de Arroyo (2011), estes impressos foram decisivos para a formação e o desenvolvimento da literatura infantil em uma época em que predominava a literatura oral como experiência de escuta lúdica e “instrutiva” dos pequenos leitores. Mais do que livros ou seletas, foram jornais como *O Recompilador* ou *Livraria dos Meninos* (Salvador, 1837), *O Mentor da Infância* (Salvador, 1846), *O Juvenil* (Rio de Janeiro, 1835), *Jornal de Instrução e Recreio* (Maranhão, 1845), *A Saudade* (Pernambuco, 1850), o *Kaleidoscopio* (São Paulo, 1860), entre vários arrolados no período, que constituem aquilo que Arroyo (2011) chama de pré-história da literatura infantil brasileira, promovendo a valorização da leitura tanto pelo viés pedagógico de aliança direta com a escola, como experiência de interesse lúdico e recreativo.

Os modelos para a incipiente imprensa infantil residiam, pelo menos cinquenta anos antes, na Europa, com destaque para o *Le Magazin d'Education et Récréation* que circulava em Paris com textos de Julio Verne e Madame de Staël, entre outros escritores, e *The Lilliputian Magazine* (1751-1752), segundo a pesquisa de Arroyo (2011), provavelmente a primeira manifestação da imprensa infantil em Londres e na Europa. O autor toma para este primeiro conjunto das publicações periódicas brasileiras uma observação da pesquisadora Carmen Bravo-Villasante em

relação aos impressos espanhóis, de que esta imprensa refletia o lado do adulto, do preceptor e do professor, ou seja, constituía-se em um ramo forte e explícito da pedagogia. Tanto que a proliferação de jornais produzidos em escolas será uma tônica do século XIX e das primeiras décadas do século XX, buscando desenvolver o gosto pela leitura, pela literatura, recorrendo temporalmente à marcação das efemérides e de datas cívicas – esta insuflação da memória coletiva e institucional que, escreve Jean Marie Goulemot (2001), envolve como um tecido comum o nosso ato de ler.

No final dos anos 1950, quando surge o *Correio Infantil*, a publicação de páginas para crianças constituía um nicho em expansão no Brasil. O *Suplemento infantil* (depois *Suplemento juvenil*) configura uma publicação emblemática do gênero lançada pelo jornal *A Nação*, em 1934, na área dos quadrinhos de heróis; o *Globinho*, vinculado ao jornal *O Globo*, começou a circular em 1938; a *Folhinha da Folha de São Paulo*, em 1963, e a revista *Recreio* em 1969. Um ano depois da entrada do *Correio Infantil* em circulação, Maurício de Sousa lança a tira *Bidu*, que evoluiria até o aparecimento da revista *Mônica* em 1970 (HOHLFELDT, 2010; FURTADO, 2013).

Justamente nesta fase de expansão, a revista *Tico-Tico*, pioneira na divulgação de quadrinhos e paradigma do gênero infantil desde 1905, encontrava-se em declínio, sem conseguir cumprir sua periodicidade semanal desde 1957. *Tico-tico* tinha como propósito a educação das futuras gerações ao valorizar a cultura letrada; buscava tornar o público participante de sua proposta editorial e, para isso, recorria a um tom carinhoso, a uma linguagem coloquial e a certo preciosismo linguístico, conforme descrição de Vergueiro e Santos (2008). No Rio Grande do Sul havia, desde 1954, a revista *Cacique*, editada pela Secretaria de Educação do Estado, que se dirigia ao alunato e ao magistério do primário com o intuito de difundir valores canônicos da educação oficial e a figura da criança modelar (BASTOS, s/d). Outro periódico infantil, também referência no período, chamava-se *Sesinho* e circulou, na primeira fase, até 1960 vinculado ao SESI.

Uma professora no jornal

Considerando boa parte da tradição pedagógica do gênero, encontramos na trajetória da editora do *Correio Infantil* aspectos que confirmam a aposta no vínculo entre a escola e o jornal, duas instituições que cumprem

a função de lugares privilegiados de leitura (DUBOIS apud ZILBERMAN, 2001)⁸ e que se aliam para a sua promoção, ainda que este acordo, no caso do *Correio Infantil*, não estivesse selado por uma instância formal. Maria de Lourdes Sá Britto (1925 – 2008), responsável pela página desde sua aparição em 10 de agosto de 1958, foi diplomada na tradicional escola de formação de professores, o Instituto de Educação Flores da Cunha em Porto Alegre, em 1948. Ao longo dos 25 anos de exercício do magistério, especializou-se no trabalho com crianças com necessidades especiais e Síndrome de Down, e tornou-se um membro atuante da APAE – Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Porto Alegre. Neste universo, as cartas dos seus alunos guardadas no acervo são indícios particulares de uma relação de afeto e dedicação que levou a jornalista ao reconhecimento público na área. Em 1983, um ano antes do *Correio Infantil* encerrar seu ciclo na primeira fase de existência do *Correio do Povo*, ela recebeu o título de Cidadã Emérita de Porto Alegre pela Câmara dos Vereadores.⁹

Apesar de a página ter iniciado em 1958, documentos pessoais da jornalista apontam que ela foi efetivada como repórter da Caldas Júnior em 1º de janeiro de 1961. Na redação, onde chegava geralmente no meio da tarde, seus colegas a chamavam de “Baixinha”. Recordam seu temperamento extrovertido e congregador, o gosto pela vida social e cultural. Sentava-se junto ao editor de Cultura, Paulo Fontoura Gastal, responsável pelo conjunto de páginas e cadernos, entre eles o infantil. O jornalista Antonio Hohlfeldt, por exemplo, começou seu longo vínculo com a Caldas Júnior justamente pelas frequentes colaborações no *Correio Infantil*. Quando passou a integrar o corpo da redação, partilhava da mesma editoria de Maria de Lourdes: “Muitas vezes eu vi crianças indo até a redação do jornal para receberem seus prêmios. E eu ficava na mesa de trás, então Maria de Lourdes sempre me apontava e dizia; ‘este começou aqui na página!’. Ela tinha orgulho muito grande disso”.¹⁰

8. DUBOIS, Jacques. *L'institution de la littérature*. Introduction à une sociologie. Bruxelas: Labor, 1978.

9. Estas informações foram obtidas a partir da leitura de documentos do acervo pessoal da editora Maria de Lourdes Britto.

10. Entrevista concedida por Antonio Hohlfeldt em 29 de abril de 2016 a Amanda Gomes.



Figura 3 – Maria de Lourdes e as crianças na redação do *Correio do Povo*.

Fonte: Acervo pessoal, s/data

Maria de Lourdes fez parte de um raro grupo de mulheres nos anos 1960 – e nesse grupo inserimos a jornalista de cultura e colunista social Lígia Nunes, sua melhor amiga – a integrar uma redação majoritariamente masculina. A repórter Carla Irigarai, que foi efetivada no início dos anos 1970 e chegou a trabalhar junto à página infantil, também fez parte dessa geração de precursoras no *Correio do Povo*, percebendo da mesma forma o quanto estavam mobilizadas em torno de conteúdos, até então, naturalizados e adequados para mulheres de sua geração: a cultura, a música, a arte, a sociabilidade, a lida com as crianças, a educação.¹¹

A promoção do livro, da escola e do jornal

Chama a atenção na página, desde o início, a proximidade do *Correio Infantil* com o mercado editorial de lançamentos. Os concursos e a sabetina semanal dirigida às crianças,¹² ao aferir o grau de apreensão dos textos, pressupunha a relação escolar da leitura como algo de que sempre

11. Entrevista realizada com Carla Irigarai em 09 de junho de 2016 por Amanda Gomes.

12. A mais sistemática delas foi o concurso “Quem é que sabe?”, 10 perguntas dirigidas ao leitor sobre temas tratados na página.

se tem que prestar contas (MORAES, 2017). O livro configurava o prêmio máximo. Na maioria das vezes, este prêmio de leitura incluía a experiência de conhecer pessoalmente a redação da Caldas Júnior, o que implicava também no espelhamento do leitor na própria página, seja pelas suas palavras reescritas pelos “redatores” ou pela sua fotografia impressa ali, como vimos na imagem anterior.

A cidade de Porto Alegre era apresentada às crianças a partir dos espaços que convidavam ao hábito cotidiano da leitura, demarcado na sala infantil da biblioteca pública central com 5.845 volumes, na cobertura sistemática da feira anual de livros da Praça da Alfândega e na divulgação das novidades infantis que chegavam às livrarias:

[...] É agradável observar que aumenta cada vez mais a produção brasileira de livros para crianças. Mais animador ainda é ter aparecido nesta época, tão grande e tão variados lançamentos. Os últimos livros das Edições Melhoramentos, em suas várias coleções destinadas tanto ao público infantil como juvenil. A “Coleção Obras Célebres”, a “Coleção Histórias do Folclore”, a “Coleção Alegria da Infância”, que reúnem autores como Franklin de Sales, Hernani Donato, Julio Verne, Walt Disney e Alexandre Dumas é todo um conjunto de histórias que encantam as crianças de todos os tempos, valorizadas pelos recursos da moderna técnica gráfica. (VAMOS, 1963, p. 36).¹³

A literatura foi uma temática recorrente desde o primeiro número, que abriu com fábulas de Esopo. Colegas de redação¹⁴ lembram a proximidade das editoras com a página, especialmente a Melhoramentos, que divulgava capítulos e até histórias completas de seus lançamentos, como ocorreu com a série *Aventuras na fazenda de Taquarapoca*, segundo Hohlfeldt (2016)¹⁵.

No retrospecto da página, realizado em janeiro de 1970, a jornalista

13. VAMOS Ler! *Correio do Povo*, Correio Infantil, Porto Alegre, 13 jan. de 1963, p. 36.

14. Antonio Hohlfeldt (2016), Carla Irigarai (2016) e Ney Gastal (2016) referiram esses dados nos seus depoimentos. Irigarai e Ney Gastal lembram o quanto Maria de Lourdes era criteriosa em distribuir para crianças todos os livros que chegavam à redação.

15. Entrevista concedida por Antonio Hohlfeldt a Amanda Gomes em 29 de abril de 2016.

agradece o estímulo dos livreiros da cidade, especialmente à Livraria do Globo, à Sulina, entre outras.¹⁶ É importante situar que, entre as décadas de 1960 e 1980, assiste-se a uma expansão da literatura infantojuvenil no Brasil por meio do interesse e do estímulo das editoras neste filão cada vez mais valorizado no âmbito escolar. Se até então Monteiro Lobato era o primeiro grande autor brasileiro no gênero, acompanhado por outros escritores consagrados que dedicaram alguma obra a este público específico, a partir dos anos 1970 vive-se uma espécie de *boom* editorial deste tipo literatura, combinando livros e espetáculos, diversidade de autores e narrativas.

O desenvolvimento de alguns atributos, que até então eram mais esparsos e tateantes, acabaram se tornando hegemônicos no segmento: o aproveitamento escolar; a introdução de forma irreversível do universo da cidade nos enredos; uma busca pela crítica social por meio do realismo e o exercício sistemático do ponto de vista da criança, rompendo a onisciência de um narrador adulto e contornando a assimetria característica do gênero. (ZILBERMAN; LAJOLO, 1986; HOHLFELDT, 2010).

Como universo narrativo, a página responde a boa parte dessas características e, mesmo no viés pedagógico ou no dever-ser da educação, constrói a figura da criança participativa, que tem a escola como referência e sonha com o futuro. No ritmo cíclico da edição, o mês de março era dedicado à volta às aulas. O *Correio* acompanhava seus leitores nessa passagem, e não foram poucas as vezes em que entrou nas escolas captando flagrantes dos colégios públicos e, nesse sentido, registrando o prestígio do sistema público de educação, os tradicionais colégios particulares e as impressões dos alunos sobre a experiência escolar.

Podemos inferir que a página se articula como uma montagem de fragmentos que valoriza a escola como experiência. Neste sentido, amplifica o que é produzido e circula restrito aos muros estudantis. A seção “As crianças colaboram”, por exemplo, oferece a possibilidade de visibilizar a produção textual dos leitores e o ponto de vista dos alunos ao longo de

16. Como colaboradores são listados as escritoras Maria Dinorah e Tia Lenita, Maria Tecacenno, Fernando Sampaio, Avancini, Mauro Côrte Real e outros. BRITTO, Maria de Lourdes. Dez anos: muitos amigos, muita alegria. *Correio do Povo*, Correio Infantil, s/p., 4 jan. 1970. Acervo pessoal.

seu período formativo. Abaixo, um fragmento da redação “O jangadeiro” de Maria do Carmo, aluna do quarto ano de uma escola municipal de Porto Alegre em 1968, fragmento capaz de captar de forma contundente o coletivo, o contexto das relações interétnicas no Brasil e a matriz de trezentos anos de escravidão, atravessando e falando por meio de uma experiência singular:

[...] Na época da escravidão, os jangadeiros foram os primeiros a recusarem-se a fazer o transporte dos pobres negros cativos.

[...] Eu, que sou de cor escura, penso que, cada vez mais que me olho no espelho: “Sou escura mas não sei se minha alma também o é”. E neste momento rendo a minha homenagem sincera a todos os que colaboraram com a abolição da escravatura. (ALMEIDA, 1968, p. 27).¹⁷

Entre o acionamento do ponto de vista infantil, ora na profusão de imagens lúdicas das crianças, ora sublinhando a dimensão de seus conflitos, vale destacar o posicionamento de defesa dos leitores assumido pela equipe editorial e enfatizado nas matérias assinadas pela editora. Um episódio emblemático deste gesto editorial encontra-se na página de 1º de dezembro de 1968, quando o *Correio Infantil*, publicamente, toma à frente dos alunos no episódio do rito de admissão em 1968. Pela perspectiva dos alunos, muitas das provas mimeografadas entregues no exame daquele ano apresentavam perguntas ilegíveis, alguns examinandos deixaram respostas em branco, outros tentaram sem sucesso a ajuda dos professores para entender questões mal impressas no papel. Seguimos com um fragmento da matéria assinada por Maria de Lourdes:

[...] [os alunos] não foram atendidos em suas pretensões. Acostumados todos eles com a atenção e compreensão de suas professoras do curso primário, não entenderam a recusa dos novos e futuros mestres, com isso perdendo sem culpa própria, vários pontos. Infelizmente as vagas para a primeira série em quase todos os ginásios são bem menores do que o número de candidatos. [...] Pedem

17. ALMEIDA, Maria do Carmo. O jangadeiro. *Correio do Povo*, Correio Infantil, Porto Alegre, 6 out. 1968, p.27.

os nossos pequenos amigos, através do “Correio Infantil”, que é o seu jornal, aos diretores e professores de outros ginásios que revisem bem as provas mimeografadas antes de iniciar os exames e que não se recusem a atendê-los, caso ainda houver necessidade. (BRITTO, 1968).¹⁸

Esta é uma das tantas situações em que o *Correio Infantil* toma posição pelos seus jovens leitores. Neste movimento de mediação da página, infere-se o quanto o jornalismo vai ganhando envergadura como instituição referencial no cotidiano de seu público. Se a escola recebe determinada perspectiva nas narrativas jornalísticas – majoritariamente a partir do modelo da cidade capital –, o inverso também ocorre. O universo jornalístico colabora com as atividades de classe, não apenas no estímulo para os jovens produzirem veículos similares ou jornais murais, prática cultural sistemática no Brasil do século XIX até meados dos XX,¹⁹ mas também como tema comemorativo.

Era o caso recorrente dos aniversários do *Correio do Povo* festejados na primeira semana de outubro, com frequência convocando os alunos para escrever sobre o jornal. Como exemplo, apresentamos um excerto das quadrinhas criadas pelos alunos do segundo ano do Ginásio Estadual Euclides da Cunha, publicadas na edição do dia 06 de outubro de 1968: “Nosso jornal é o CORREIO DO POVO/ O CORREIO é honesto e sincero/O CORREIO DO POVO é um jornal legal/ O CORREIO DO POVO é uma BRASA MORA!”

18. Recorte do arquivo pessoal. BRITTO, Maria de Lourdes Sá. Exame de admissão. *Correio do Povo*, Correio Infantil, Porto Alegre, 1º dez. 1968. s/p.

19. Segundo Leonardo Arroyo (2011), a imprensa produzida nas escolas alcançou grande repercussão e prestígio ao longo do século XIX, recrudescendo em meados do século XX. Foram nesses veículos, espelhados na hegemonia do jornal impresso, que muitos escritores ensaiaram seus primeiros textos. O autor oferece dados significativos da imprensa escolar no Brasil.

Em 1975, o jornal festeja 80 anos, já começando a enfrentar a crise financeira que o levaria à perda da hegemonia no mercado sulino e ao fechamento em junho de 1984. Nesta ocasião, conforme exemplificamos na figura acima, o *Correio Infantil* se apresenta em forma de homenagens, visibilizando uma demonstração muito particular de prestígio e capital simbólico expressa na tradicional visita das crianças ao prédio da rua Caldas Júnior. Ao percorrer as datas redondas que pontuam a trajetória do *Correio do Povo*, notamos que era recorrente o jornal falar de si por meio da fidelidade dos seus leitores, especialmente os notáveis que, não raro, acorriam ao prédio físico para demonstrar seu apreço. No mesmo ritmo comemorativo da apreensão da história coletiva e escolar, o aniversário era o momento de inscrever o jornal na história cultural da cidade e do estado, de enfatizar o passado acolhendo o vínculo futuro, de falar de si por meio do interesse e do afeto de leitores em formação.

A mediação da carta: entre a página e seus leitores

Além dos alunos das escolas de Porto Alegre, a equipe editorial interagía, especialmente, com os filhos dos assinantes, como se pode perceber pela carta abaixo, que descreve a espera de um menino pelo percurso de um jornal atravessando os quase 200 quilômetros que separam Bagé de Livramento, na fronteira do Rio Grande do Sul.

PREZADOS REDATORES

Sou assíduo leitor do “Correio Infantil”. Estou cursando o 3.º ano primário no G. E. “São Pedro” em Bagé. Meu nome é Hamilton Rosa de Freitas. Meu pai é assinante do “Correio do Povo”. Seu nome é Sebastião Gomes de Freitas. Eu tenho muita vontade de responder as perguntas de “Quem é Que Sabe?” mas não posso porque moramos na campanha. O endereço da cidade é João Pessoa 31 — Livramento.

Vovô João bota o jornal no ônibus e o jornal de domingo chega quase com uma semana de atraso é por esse motivo que não posso responder o “Quem é que sabe?”.

Gosto muito desta página, principalmente das histórias. Gosto também das Aventuras de Tintim”.

Queiram aceitar abraços do amiguinho

HAMILTOM — Bagé

Figura 5 – Carta ao Correio Infantil. Correio do Povo,
13 de janeiro de 1963, p.36.
Fonte: Acervo *Correio do Povo*

Este fragmento é emblemático da condição de espera implícita no pacto de leitura proposto pela equipe editorial a seu público. A paciente espera pela leitura de um periódico impresso é uma experiência de uma temporalidade menos veloz e recorrente, por exemplo, nos depoimentos dos leitores da revista *Tico-tico* (MENNA, 2012). Trata-se de uma modalidade de leitura mais reflexiva ou sentimental, em que o leitor busca fixar o texto, pensar e formar opiniões (BORDINI, 2016).

Pela espera, o pacto de leitura ancora-se na mediação da carta, tanto sob o ponto de vista do redator adulto como do leitor. Na medida em que convida semanalmente os jovens a enviarem cartas, criando a expectativa de que poderão se ver publicados no jornal, o *Correio Infantil* se configura tanto como espaço de manifestação pública, como possibilidade de acolhimento da intimidade, condição esta fundamental para a construção do vínculo de afeto encenado na troca epistolar. Ou seja, a carta pública não adquire o viés da impessoalidade. Neste singular dar-se a ver

ao destinatário, cria-se uma forma de presença marcada por distanciamientos espaciais e temporais entre as ações de ler e escrever, assim como dos acontecimentos narrados (IONTA; GOMES, 2004). O título *Correio Infantil* envelopa as instruções dadas ao leitor suposto no texto e reverbera uma temporalidade constitutiva da formação histórica do jornalismo e seus repórteres sitiados em locais distantes, até hoje conhecidos como correspondentes (FRANCISCATO, 2005).

Durante os anos 1960, a seção de endereços “Amigos de Longe” disponibilizava endereços de leitores das mais diversas cidades para que pudessem trocar cartas entre si, resultando em amizades e até casamentos, como o jornal viria a festejar posteriormente. Foi o caso da matéria comemorativa ao dia das mães, em 14 de maio de 1972, ao relatar o nascimento de um “neto” do *Correio Infantil*, escrevendo o nome da criança numa linhagem amarrada pelas próprias cartas dos leitores.

[...] Aos 26 de dezembro de 1970, comunicávamos prazerosos ao *Correio Infantil* o nosso enlace matrimonial, pois foi através destas páginas amigas que chegamos ao conhecimento um do outro.

Agora nossa felicidade é maior ainda, pois nossa primogênita nasceu, trazendo continuidade ao nosso lar. Chama-se ESTELA. Tem cabelos pretos. É bonita. Veio nos fazer companhia aos 25 dias de março. (BRITTO, 1972).²⁰

Se o treinamento da leitura e da escrita é uma constante na trajetória do *Correio Infantil*, percebe-se também o crescimento do protagonismo dos pequenos leitores assumindo o lugar de autores de histórias e cartas, de personagens e fontes de matérias. A equipe de redação interessa-se em conhecer empiricamente seu jovem interlocutor, em entrevistá-lo, buscando acompanhar seu crescimento e, sobretudo, registrar suas singularidades. Evidencia-se, especialmente, a articulação do ponto de vista infantil pelo uso eventual da primeira pessoa e dos diálogos.

Nos múltiplos registros, a página oferece um mosaico de percepções infantis, compondo em fragmentos representações do que era ser criança

20. BRITTO, Maria de Lourdes Sá. A mamãe do *Correio Infantil*. *Correio do Povo*, *Correio Infantil*, Porto Alegre, 14 maio 1972, s/p. Recorte de acervo.

em determinado período histórico. Como exemplo, evocamos a longa entrevista publicada em 21 de outubro de 1962 com o menino Fernando André, de 8 anos, estudante do Grupo Escolar Benjamin Constant, que conta à redatora seus planos de se transformar em um grande inventor e de criar espelhos falantes que orientem quem olha para si mesmo.²¹ Ou a matéria central que ganhou, em junho de 1971, a menina Delaine Oliveira, 11 anos, do quinto ano do Instituto de Educação, após contar à página sua ambição de ser astronauta e comandar uma nave especial, ecoando o impacto recente da chegada do homem à lua. Ela mandou uma carta para a N.A.S.A. na qual perguntava o que era preciso para ser astronauta, se era divertido ir e voltar da lua. Recebeu a resposta em inglês do departamento americano, e toda essa façanha foi publicada no *Correio Infantil* com o comentário prudente da menina: “Tenho só onze anos. Daqui a alguns anos, quando eu começar a comandar uma nave espacial, muita coisa já foi aperfeiçoada e descoberta, mesmo assim, acho que as viagens ao espaço não serão muito comuns” (BRITTO, 1971).²²

Para além do contexto das camadas médias urbanas ou do universo escolar, a página tinha a sensibilidade de captar também outras experiências, ainda que episodicamente, como o caso do engraxate da Praça da Alfândega, praça localizada próximo à redação do *Correio*, que era leitor do *Correio Infantil* e esperava ganhar um rádio do pai no Natal.

21. BRITTO, Maria de Lourdes Sá. Um futuro inventor. *Correio do Povo*, Correio Infantil, Porto Alegre, 21 out. 1962, s/p.. Acervo pessoal.

22. BRITTO, Maria de Lourdes Sá. Delaine quer ser astronauta. *Correio do Povo*, Correio Infantil, Porto Alegre, 20 jun.1971, s/p. Acervo pessoal.

O narrador adulto configurado nos gestos da equipe editorial, que busca fazer a mediação com o universo infantojuvenil, ganha contorno autobiográfico na figura da editora quando ela evoca suas memórias infantis como recurso para aproximar-se de seus leitores, sejam eles ideais ou representados por crianças conhecidas e próximas da redação. Na seleção de matérias encontradas no arquivo da jornalista, percebemos uma escrita autorreferencial tecida na interpelação com os leitores, que constitui também o pacto travado nas cartas (GOMES, 2004).

As vivências da infância na cidade de Passo Fundo, Rio Grande do Sul, a lembrança do pai jornalista, o tempo vivido na casa dos tios – essas memórias são acionadas em boa parte nas narrativas em primeira pessoa assinadas pela jornalista. Espécie de autobiografia em fragmentos, é possível entrever uma construção sobre si expressa nas matérias publicadas ao longo das mais de duas décadas da página, como no texto “O armário mágico” de 1961.

[...] mas o que mais me agradava dentro daquela casa era um armário e, neste, eu nunca mexi. Era um armário de tábuas rústicas que ocupava uma parede e que ia quase até o teto. Cheio de prateleiras de alto a baixo. Servia ele como uma espécie de despensa, onde tia Chinita guardava tudo o que de bom fazia ou comprava: caixetas de pessegada, goiabada, marmelada, biscoitos, doces em calda, latas de bala, rapadurinhas de leite, corações de mel, barrinhas de chocolate, broinhas, enfim uma infinidade de coisas gostosas. No alto do armário havia uma sinetinha. Quando este era aberto, a sinetinha tocava (eis a razão por que nunca pude mexer nele...). Cada vez que ouvia a sinetinha do armário soar, corria até a peça onde ele estava para ver o que tia Chininha ia tirar de dentro dele. Naturalmente, sempre ganhava alguma coisa. (BRITTO, 1961).²³

Ao combinar o desenho de múltiplas crianças representadas, desenho esboçado pelo adulto que se rememora criança ou pelo jovem leitor que escreve sobre si, exercitando o aprendizado normativo tanto da leitura como da escrita, o *Correio Infantil* faz um contraponto ao próprio campo semântico da palavra *infantil* que demarca seu público ideal, ou

23. BRITTO, Maria de Lourdes. O Armário Mágico, *Correio do Povo*. Correio Infantil, Porto Alegre, 8 de jan. 1961, s/p. Acervo pessoal.

infância como qualidade do *infante*, daquele que não (*in*) fala (*fante*) e que, segundo Lajolo (2016), constitui um silêncio que será sempre preenchido e definido por discursos de fora.²⁴ Neste jogo entre ser uma criança narrada e interpelada por um narrador adulto ou assumir o ponto de vista da primeira pessoa, a página articula distintas posições de fazer o leitor infantojuvenil passar de objeto a sujeito.

Considerações finais

Pelas memórias da redação, o *Correio Infantil* era visto como uma espécie de “licença poética”. No percurso em torno desta possível licença poética nas rotinas de um jornal, encontramos os vestígios da lenta tecedura do contrato de fidelidade que uniu jovens leitores a um jornal quase centenário em torno de sentimentos como confiança, respeito e afeto, aproximando a instituição do jornalismo das possibilidades de educação não formal. A página reverbera, em distintos graus, a normativa do comportamento escolar cuja condição de entrada e permanência implica em aprender a ler e escrever e consumir textos apoiados na tarefa da redação (ZILBERMAN, 2001).

A redação de textos, apoiada no pacto da correspondência, constituiu um dos principais engajamentos propostos pela equipe editorial ao dar senhas para a leitura e para a escrita, para a valorização do livro e do jornal, adestrando os jovens corpos leitores à temporalidade da espera, a espera paciente por uma resposta, pelo ciclo da semana cujo ápice se dá no final de semana, pela possibilidade de se ver espelhado em texto e imagem no território conquistado. A página visava o treinamento do leitor do impresso, o leitor que até então encontrara no jornal uma perspectiva de descoberta e compreensão da realidade à sua volta.

Em um universo de publicações marcadas pelo dever-ser da boa e estudiosa criança, o *Correio Infantil* enfrenta o desafio de aproximar-se

24. Segundo Lajolo (2016, p.324), “Assim, por não falar, a infância *não se fala*, e *não se falando*, não ocupa a primeira pessoa nos discursos que dela se ocupam. E, por não ocupar esta primeira pessoa, isto é, por não dizer *eu*, por jamais assumir o lugar de sujeito do discurso, e, conseqüentemente, por consistir sempre um *ele/ela* nos discursos alheios, a infância é sempre definida *de fora*”.

deste *outro* infantojuvenil ideal, alternando sua condição fragmentada de distintos pontos de vista. Alterna o ponto de vista hegemônico do adulto orientador ao ceder lugar para captar singularidades da experiência do leitor empírico, abrindo a ele os mistérios de um jornal e, junto dele, construindo o fascínio de fazer parte do mundo impresso ali.

Encontramos também pistas de uma história ainda recente da chegada de mulheres trabalhadoras nos periódicos sulinos, geração esta marcada pela condição histórica de serem mulheres formadas na primeira metade do século XX e, portanto, estarem propensas a cuidar de determinadas temáticas supostamente mais leves ou, então, de cunho formativo e pedagógico. Maria de Lourdes Sá Britto levou este enredo da primeira à última página, no dia 10 de junho de 1984. Nesta última edição realizada com a tradicional pauta junina, talvez ainda sem a dimensão de que seria a última, uma história provavelmente divertiu os leitores ao contar a paixão de um balão azul e amarelo que, prenunciando o porvir, foge das mãos das crianças e se enrosca apaixonado em uma antena... antena fincada para captar imagens de televisão.

Referências

ALBERTI, Verena. *Manual de História Oral*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2013.

ALMEIDA, Maria do Carmo. O jangadeiro. *Correio do Povo*, Correio Infantil, Porto Alegre, 6 out. 1968, p. 27.

ARROYO, Leonardo. *Literatura infantil brasileira*. 3 ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

BASTOS, Maria Helena. *Divertir, educar e formar: Cacique – a revista da garotada gaúcha (1954-1963)*. In: Disponível em: <<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe4/individuais-coautorais/eixo03/Maria%20Helena%20Camara%20Bastos%20-%20Texto.pdf>>. Acesso em: 11 jul. 2016.

BORDINI, Maria da Glória. Leitura no século XXI: o meio substitui a mente? In: RÖSING, Tania; ZILBERMAN, Regina. *Leitura: história e ensino*. Porto Alegre: Edelbra, 2016.

BRITTO, Maria de Lourdes Sá. *Correio do Povo*, Correio Infantil, Porto Alegre, 9 de agost. 1959, s/p.

BRITTO, Maria de Lourdes Sá. O Armário Mágico, *Correio do Povo*, Correio Infantil, Porto Alegre, 8 de jan. 1961, s/p.

BRITTO, Maria de Lourdes Sá. Um futuro inventor. *Correio do Povo*, Correio Infantil, Porto Alegre, 21 out. 1962, s/p.

BRITTO, Maria de Lourdes Sá. Exame de admissão. *Correio do Povo*, Correio Infantil, Porto Alegre, 1º dez. 1968. s/p.

BRITTO, Maria de Lourdes Sá. Sem título. *Correio do Povo*, Correio Infantil, Porto Alegre, 22 de dezembro de 1968, p. 38.

BRITTO, Maria de Lourdes Sá. Dez anos: muitos amigos, muita alegria. *Correio do Povo*, Correio Infantil, Porto Alegre, 4 de jan. 1970, s/p.

BRITTO, Maria de Lourdes Sá. Delaine quer ser astronauta. *Correio do Povo*, Correio Infantil, Porto Alegre, 20 jun.1971, s/p.

BRITTO, Maria de Lourdes Sá. A mamãe do Correio Infantil. *Correio do Povo*, Correio Infantil, Porto Alegre, 14 maio 1972, s/p.

BRITTO, Maria de Lourdes Sá. Crianças dão o recado no 80º aniversário. *Correio do Povo*, *Correio Infantil*, Porto Alegre, 5 de out. 1975, p. 26.

CHARTIER, Roger. Do livro à leitura. In: CHARTIER, R. (Org). *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

CORREIO INFANTIL, *Correio do Povo*, Porto Alegre, 06 de outubro de 1968, p. 27.

CORREIO INFANTIL, *Correio do Povo*, Porto Alegre, 10 de junho de 1984, p. 11.

FONSECA, Virgínia. *Indústria de notícias*. Capitalismo e novas tecnologias no jornalismo contemporâneo. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

FRANCISCATTO, Carlos Eduardo. *A fabricação do presente: como o jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais*. São Cristóvão: Editora UFS/Fundação Oviedo Teixeira, 2005.

FURTADO, Thaís Helena. *O jornalismo infantil e o desejo de consumo: o discurso da revista Recreio*. 2013. 238f. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) – Curso de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

GOLIN, Cida; ALFONSO, Luciano; GOMES, Amanda. Era uma vez um Correio Infantil: percurso panorâmico pela página das crianças do Correio do Povo (Porto Alegre, RS, 1958 – 1984). In: GP História do Jornalismo do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Intercom, USP, São Paulo, SP, 2016.

GOLIN, Cida; ALFONSO, Luciano. Uma professora no jornal: a trajetória de Maria de Lourdes Sá Britto. In: *Perfis da comunicação: trajetórias profissionais no Rio Grande do Sul*. Grupo de Pesquisa em História da Comunicação da Fabico | UFRGS. Florianópolis: Insular, 2018. [no prelo]

GOMES, Ângela de Castro. *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

- GOULEMOT, Jean Marie. Da leitura como produção de sentidos. In: CHARTIER, R. (Org). *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- HOHLFELDT, Antonio. Na história das publicações brasileiras, a criança também teve vez... In: BRAGANÇA, Aníbal e ABREU, Márcia (Org). *Impresso no Brasil*. Dois séculos de livros brasileiros. São Paulo: Editora Unesp, 2010.
- HOHLFELDT, Antonio. *Entrevista concedida a Amanda Gomes em 29 de abril de 2016*.
- HAMILTON. Correio das crianças. *Correio Infantil*, Correio do Povo, 13 de janeiro de 1963, p. 36.
- IONTA, Marilda Aparecida. *As cores da amizade na escrita epistolar de Antita Malfatti, Oneyda Alvarenga, Henriqueta Lisboa e Mário de Andrade*. 2004. 303f. Tese (Doutorado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.
- LAJOLO, Marisa. Infância de papel e tinta. In: FREITAS, Marcos. *História social da infância no Brasil*. 9 ed. São Paulo: Cortez, 2016.
- MENNA, Lígia Regina. *A literatura infantil além do livro: as contribuições do jornal português O senhor doutor e da revista brasileira O Tico-Tico*. 2012. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados de Literatura de Língua Portuguesa, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- MORAES, André Carlos. *Leitores multiplataforma: o livro em um contexto de múltiplos suportes, a partir da prática de estudantes universitários*. 2017. 290f. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.
- RUDIGER, Francisco. *Tendências do jornalismo*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.
- VAMOS Ler! *Correio do Povo*, Correio Infantil, Porto Alegre, 13 jan. de 1963, p. 36.

VERGUEIRO, Waldomiro; SANTOS, Roberto Elísio. A postura educativa de *O Tico-Tico*: uma análise da primeira revista brasileira de histórias em quadrinhos. *Comunicação & educação* v.XIII, n. 2, p. 23-34, maio-ago, 2008.

ZILBERMAN, Regina; LAJOLO, Marisa. *Um Brasil para crianças*. Para conhecer a literatura infantil: histórias, autores e textos. São Paulo: Global, 1986.

ZILBERMAN, Regina. *Fim do livro, fim dos leitores?* São Paulo: Editora SENAC, 2001.